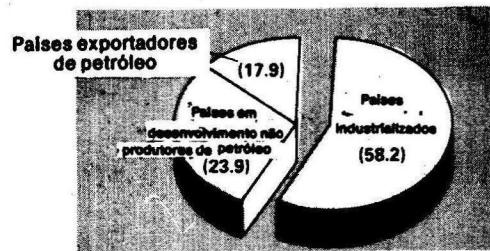


Brasil prepara nova renegociação

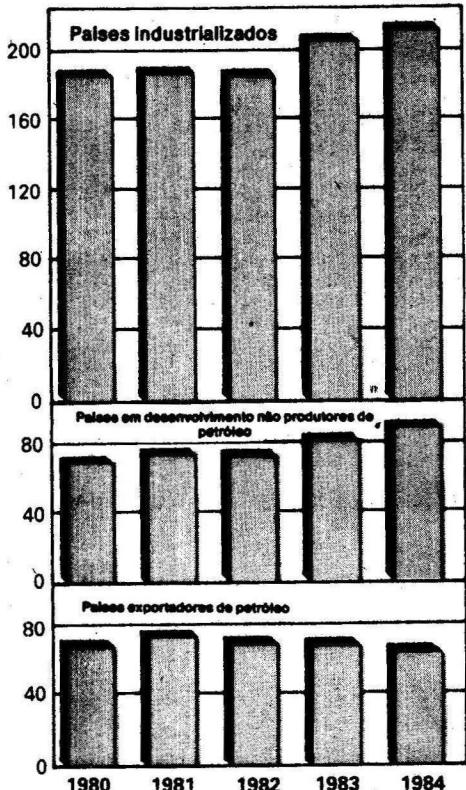
Nas reuniões do FMI o País vai avaliar o que pode conseguir dos credores

RESERVAS INTERNACIONAIS (excluindo ouro)

Distribuição (%)
1984 (Junho)



POSIÇÕES (em bilhões de DES)



(Junho)

Fonte: FMI.

As reservas internacionais junto ao FMI atingiram em junho último o total de 373,6 bilhões de DES

(Direitos Especiais de Saques), equivalentes a cerca de US\$ 370 bilhões.

Estas reservas demonstram quem controla o FMI.

ARNOLFO CARVALHO
Da Editoria de Economia

Começa esta semana, em Washington, mais uma etapa preliminar da próxima renegociação da dívida brasileira de US\$ 98,8 bilhões no final deste ano: as reuniões preparatórias à 39ª assembléia conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial servirão não apenas para medir forças entre os credores e devedores de aproximadamente US\$ 750 bilhões mas, no caso do Brasil, para que o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, possa "sonhar" os banqueiros e saber o que será possível conseguir em termos de novos empréstimos, rolagem de amortizações, prazos, juros e comissões.

O convite que os 11 devedores latino-americanos acabam de fazer ao governo americano, para uma reunião de cúpula no primeiro semestre de 1985, destinada a discutir uma solução de longo prazo para a dívida externa da região, poderá ter uma resposta de Ronald Reagan na assembléia do FMI/Banco Mundial. No mínimo, será introduzido nas discussões dos representantes de uns 144 países o elemento novo da "negociação política" da dívida externa. Os pronuncia-



Ernane Galvães

mentos oficiais provavelmente repetirão a ameaça de desestabilização política em consequência dos "ajustamentos" exigidos dos devedores, tentando sensibilizar os países ricos.

Funcionários do Banco Central já estão nos Estados Unidos para reuniões informais com os técnicos da Divisão do Atlântico do FMI, na segunda (17) e terça-feira (18). Na quarta-feira, quando embarca o primeiro escalão da delegação brasileira, o cronograma oficial será aberto em Washington com os suplentes dos ministros do chamado Grupo

dos 24 (países em desenvolvimento) fazendo sua primeira reunião. No dia seguinte espera-se a participação do presidente do Banco Central, Affonso Pastore, na conclusão dos trabalhos preparatórios do Grupo dos 24.

O ministro Ernane Galvães participa, na sexta, do encontro dos ministros dos países em desenvolvimento, onde deve fazer um pronunciamento. Mas a parte principal das agendas de Galvães, Pastore e do Presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, deve ficar reservada a contatos informais com os banqueiros, principalmente William Rhodes, vice do Citibank que preside o Comitê de Assessoramento da dívida brasileira, e com autoridades do governo norte-americano. No ano passado, o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, participou de um destes "encontros de trabalho".

O cronograma inclui a abertura, no sábado, da reunião do Comitê Interino da Junta de Governadores do FMI/Banco Mundial, presidido pelo belga W. de Clercq. De Larosière estará presente, expondo a posição do Fundo Monetário sobre as principais questões em debate até então, e não se espera nenhum anúncio de abrandamento dos "programas de

ajustamento". Representantes do governo brasileiro acreditam que o dirigente do FMI reforce suas teses, inclusive citando dados positivos do "ajustamento" no Brasil e no México. A liderança dos latino-americanos, por motivos táticos, deve ficar desta vez a cargo de Bernardo Grinspun, ministro da Economia da Argentina, de acordo com estas fontes. Mudanças concretas não se esperam, mesmo porque o controle do capital do FMI/Banco Mundial continua firme na mão dos países industrializados.

No próximo domingo haverá a reunião formal dos países mais pobres, durante o encontro do eufemisticamente chamado "comitê de desenvolvimento". Além de Larosière estará presente também o presidente do Banco Mundial, Alden Clause. Todas estas "sessões de trabalho" são fechadas à imprensa, que se contenta com as informações dos participantes e entrevistas coletivas. Já as sessões plenárias da assembléia conjunta, que começam dia 24 e se encerram a 27, são abertas à imprensa - mas aí, com exceção da provável fala de Ronald Reagan na abertura, não acontece nada além de sucessivos pronunciamentos dos representantes dos 144 países-membros do FMI/Banco Mundial.